

Assis Se Repete?

HIRLEY NELSON DE SOUZA

“Por esses dias caminhei por Assis, e em alguns lugares de oração assisti a profanações. Vi budistas dançarem ante o altar, onde, em lugar de Cristo, havia sido colocado Buda, a quem se reverenciava e oferecia incenso.”

CARDEAL SÍLVIO ODDI

*O maior escândalo religioso do século XX
prestes a acontecer novamente.*

Reedição

Este pequeno livro, publicado em 1996, está sendo reeditado agora em 20/12/2001, encontrando-se em plena consonância com o cânon 212, §3º, do Código de Direito Canônico, promulgado pelo Papa João Paulo II que, em resumo, estabelece o seguinte: - O fiel tem o direito e o dever de manifestar aos pastores a sua própria opinião sobre o que afeta o bem da Igreja e de dar a conhecer esta opinião também aos outros fiéis.

Assis se repete?

HIRLEY NELSON DE SOUZA

"Foi tão grande e inesperada a apostasia corporificada na iniciativa de João Paulo II ao convocar a assembléia de religiões em Assis, que serão sempre um serviço prestado à causa da Fé e do culto verdadeiro a Deus Nosso Senhor, as críticas bem fundadas que se lhe façam."

D. Antônio de Castro Mayer



Reapresentação

Decorridos três lustros do que bem se apelidou de "panteão de Assis" - uma das primícias do último concílio e animado convescote de desconstruídas crenças, panteão em que se improvisou a venerável basílica de São Francisco, eis que, novamente, chega às mãos dos leitores o presente livro, desta vez diferente apenas em sua configuração gráfica, porém fiel na mesma seriedade e densidade de conteúdo e idêntica riqueza de citações que caracterizaram a sua primeira edição!

O Autor desvaneceu-me com a satisfação de reapresentar ao público sua breve mas condensada obra que, queiram ou não alguns desinformados, é seguro em suas fontes e irresponsável nos argumentos!

Corajoso militante católico em sua própria trincheira, este soldado de Cristo reúne desassombro e talento para relançar esta que é uma interpelação sempre atual à discursaria progressista dita ecumênica!

O magistério tradicional da Igreja, por seus mais preclaros pontífices, doutores e iluminados santos e teólogos, reflete nestas páginas, mercê da feliz paciência deste Autor ao coligir definições e ensinamentos para os confrontar com a falação novidadeira especializada "Urbi et orbi" nas últimas décadas, ocaso do milênio...

Ah! o concílio!... Desde seu primeiro e grandiloquente anúncio e em seu esperançoso desenrolar, não pretendeu, todavia, fixar novas definições, mas se projetar no mundo como assembléia filantrópica pastoral... Afinal, conciliou ou desbaratou? Reuniu ou fragmentou a cristandade? Seus frutos já não são visíveis?

E os vinte concílios ecumênicos precedentes não foram eles altamente pastorais, até por serem sabiamente dogmáticos? Restou-nos esse ecumenismo democrático e horizontalizante para com as religiões em geral. A paz das concessões, das abdições. Tudo na mesma ruína filantrópica universal. Para gáudio confraternizado dos adversários históricos da Igreja. E a mocidade desnordeada a cantarolar: "cada um na sua".

Como cristãos católicos aprendemos que o acaso não existe. A boa Filosofia nos ensina. Então sabemos que tudo existe ou por vontade de Deus, ou por permissão de Deus! Logo, o panteão de Assis e o terremoto em Assis demonstram, cada um de per si, a paciência e o recado de Deus!!! Lições para uma cristandade perplexa!

Hoje, neste pós-concílio, entendemos cada vez melhor, alguns motivos por quê Nossa Senhora, a Virgem Fiel, teve não obstante, as Suas declarações mais "censuradas", aquelas proferidas em suas aparições em La Salerte! A carapuça é antiga, mas o encaixe cada vez mais oportuno! Queiram ou não seus exmos. e revmos. Portadores...

Incorrigíveis, os corifeus deste ecumenismo tão escancarado quanto nefasto - os demolidores internos e externos da Igreja -esquecidos do "non praevalerunt", desandam a discursar e a perorar quais novos Catões: "Delenda Ecclesia Catholica".

Francisco Mendes Brasília - DF

Uma Palavra ao Leitor

Voltamos a editar o presente trabalho ao ensejo do convite feito pelo Papa João Paulo II a todas as religiões do mundo, para um novo encontro ecumênico onde os líderes das mais diferenciadas confissões religiosas rezariam pela paz, cada qual, ao deus que tem por verdadeiro, seja ele Alá ou Buda, Shivah ou Manitu, ou qualquer outra divindade criada pela concepção humana. Até aí não haveria o que comentar ou acrescentar, pois esses encontros de religiões atualmente são freqüentes, realizados a cada ano em algum país, católico ou não. Acontece que o inusitado evento, a exemplo do primeiro, realizar-se-á mais uma vez na cidade de Assis, na Itália, desta feita marcado para o próximo dia 24 de Janeiro de 2002. Vale pois, lembrar os acontecimentos que marcaram o que se pode reputar como o maior escândalo religioso do século XX.

Após a primeira década do malfadado encontro de religiões em Assis, realizado em 1986, onde mais de uma centena de líderes das mais diversas religiões se fizeram presentes, a Itália assistiu impotente aos inúmeros terremotos que flagelaram várias regiões. Muito castigada pelos terremotos, Assis, que foi palco da insólita reunião, verdadeira babel de falsos deuses, teve a majestosa Basílica de São Francisco de Assis totalmente destruída.

Com esse acontecimento catastrófico não estaria Deus demonstrando o Seu desagrado à profanação do Seu nome três vezes Santo?

Não se podem aceitar esses encontros de religiões, que se realizam a título de fazer orações pela paz, porque eles se concretizam em nome de um falso ecumenismo que escancara os pórticos da Santa Madre Igreja a todos os pagãos, cismáticos e hereges de todas as épocas, com suas doutrinas tantas vezes condenadas pelo Magistério Infalível da Igreja, enquanto, inexplicavelmente, fecha as portas aos seus filhos mais fiéis e dedicados, os tradicionalistas, justamente por se manterem firmes na defesa da fé bimilenar da Santa Igreja de Cristo.

Elevemos nossas orações aos céus, rogando a Nossa Senhora Rainha da Paz, para que não permita a realização do inaudito e blasfemo evento que se pretende levar a efeito em nome da paz.

O Autor.

A foto ao lado apresenta João Paulo II beijando o Alcorão - ou Corão - o livro sagrado dos maometanos.



Esse gesto caracteriza bem a estranha teologia desse Papa. Para se ter uma idéia de como esse gesto é escandaloso, recordam-se alguns erros do Corão contra a fé e a moral:

Rejeição da Santíssima Trindade, pois Jesus nem é Deus, nem Filho de Deus (Surata V. 76). Ele é um simples mortal (Surata V. 19 e 79). Não foi crucificado, e implicitamente não ressuscitou (Surata IV. 156).

O Corão ordena freqüentemente a guerra santa contra os que não crêem em Deus (o Deus dos muçulmanos), que são chamados "infiéis". Entre esses estão os cristãos (Surata IX. 29-30). O infiel vencido na guerra santa, ou se converte ao islamismo, ou será submetido a um estatuto especial com dura discriminação (cf "Connaissance elementaire de l'Islam, p. 91). Será mártir (recebido no céu de Maomé, que é material) todo muçulmano que morrer na guerra santa depois de ter matado infiéis (Surata IX. 112).

Para o Corão, a mulher é inferior ao homem (Surata IV. 38), e o nascimento de uma menina é uma desgraça (Surata XLII. 15). Ele autoriza o homem a ter quantas mulheres quiser, limitando a ter, no máximo quatro, quem não tiver condições de sustentar muitos filhos (Suratas II. 223; e IV. 3).

Transcrito de um impresso do "Centro de Divulgação da Boa Imprensa" - Caixa Postal 1226444 - Cep: 28360-000 - Bom Jesus do Itabapoana - RJ - 28/12/1999

Defender a Verdade é Dever de Todos

Introdução

Dom Freppel, bispo de Angers, no sec. XIX, dizia que "o melhor serviço que um homem pode fazer aos seus semelhantes, nas épocas de decadência ou de obscurantismo, É O DE AFIRMAR, SEM MEDO, A VERDADE, mesmo quando não é escutado". O Papa Felix III ensinava que "o erro ao qual não se oferece resistência, acaba aprovado": e a VERDADE QUE NÃO SE DEFENDE FICA OPRIMIDA". Já Tertuliano afirmava que "A VERDADE SÓ SE ENVERGONHA DE ESTAR ESCONDIDA". Portanto, fazer a verdade resplandecer é uma obrigação de todo católico, mormente numa época onde o erro é ensinado como verdade e a própria verdade é obscurecida e desacreditada.

O que é de se lamentar hoje em dia, é que dizer a verdade implica em revelar escândalos, como por exemplo, denunciar que o Papa João Paulo II recebeu a bênção sacerdotal, em hebraico, do Grão Rabino Kaplan, na sua qualidade de descendente dos grandes sacerdotes judaicos de Jerusalém. Lembro-me de haver lido um comentário irônico desse triste episódio observando que, pela primeira vez, um sucessor de Pedro recebeu a bênção de um sucessor de Caifás. É de fato, um escândalo, mas, nem por isso se deve silenciar, ocultar a verdade. S. Gregório Magno ensinava que "É PREFERÍVEL QUE OCORRA UM ESCÂNDALO A ESCONDER A VERDADE", e

acrescenta, "ESCÂNDALO MAIOR SERIA TOLERAR O ERRO". Já Santo Irineu dizia que "jamais se vence o erro sacrificando-se qualquer direito da verdade", enquanto o Santo Padre Pio XII garantia que o erro NÃO tem direitos, "nem à existência, nem à propaganda, nem à ação". Por isso, tudo o que passo a escrever sobre o Encontro de Religiões de Assis destina-se ao triunfo da verdade e descrédito do erro: "Minha boca diz a verdade e meus lábios aborrecem o iníquo", como se lê na Bíblia (Prov. 8,7).

Denunciando os desvios doutrinários de João Paulo II, da chamada Igreja pós-conciliar e de personagens que ainda insistem em se apresentar como membros da hierarquia católica, sigo a orientação do grande D. Guéranger: - "Há no tesouro da revelação pontos essenciais, que todo cristão, em virtude do seu próprio título de cristão, necessariamente conhece e OBRIGATORIAMENTE HÁ DE DEFENDER". Estou ainda acobertado pelo cânon 1325, que no seu § 1º, obriga aos fiéis Cristãos a confessar publicamente a sua fé, e pelos apóstolos que diziam que não podemos deixar de falar: NON POSSUMUS NON LOQUI.

Pelo exposto, depreende-se a necessidade e a oportunidade de se comentar o escândalo do Encontro de Religiões em Assis, quando vemos que o evento está em via de se repetir em 24 de janeiro de 2002.

As Profanações de Assis

Em 27 de outubro de 1986, o Papa João Paulo II realizava na cidade de Assis, na Itália, o "encontro de religiões", onde o líder ou representante de cada confissão religiosa rezaria a seu deus pela paz. Foram 130 as religiões ali representadas. Ao Papa coube presidir as cerimônias na qualidade de anfitrião, não como uma liderança religiosa superior, já que todas as crenças se nivelaram e no mesmo pé de igualdade se encontravam judeus, anglicanos, budistas, maometanos, brâmanes, indígenas, etc. É o que poderíamos chamar de uma autêntica salada religiosa. Até os B'nai B'rith que, segundo consta, fazem profissão de ateísmo, foram convidados a participar. Foram feitas orações dirigidas a quase todas as divindades do paganismo por chefes de religiões enquanto tais. Na escadaria em frente à Igreja em que está o túmulo de S. Francisco de Assis, "os líderes religiosos fizeram uma oração pública seguida cada uma de um breve instante de meditação".

Seguiram-se cenas as mais estapafúrdias: "Um sacerdote xintoísta leu poemas de Hiroito. Um índio fumou o cachimbo da paz. Um budista pediu que os animais se livrem do medo de serem comidos por outros e que os seres humanos não conheçam nenhum sofrimento. Um Brâmane pediu que houvesse paz nos céus, na terra, nas águas, nas ervas e nas plantas, paz em todos os seres humanos. Falaram Ulemás, rabinos, popes e pastores". (Cfr. Veritas-1986).

A imprensa internacional à época, registrou os fatos que ali se passaram, com minuciosos detalhes em sucessivas reportagens. Assim ficamos sabendo que no altar da Igreja de S. Gregório os feiticeiros indígenas prepararam o seu "cachimbo da paz" para reverenciar Manitu. Os hindus se sentaram em volta do altar da Igreja de Santa Maria Maggiori invocando os seus deuses. No altar principal da Igreja de S. Pedro armaram o trono do Dalai Lama, onde esta personagem, que não é um, representante, mas o próprio deus dos tibetanos, sentou-se de costas para o sacrário cuja lamparina acesa indicava a presença real de N. S. Jesus Cristo. Ali o Dalai Lama foi adorado pelos seus bonzos. Outro fato estarrecedor foi a colocação da estátua de Buda sobre o sacrário no altar de um templo católico para a realização de cerimônias pagas.

Talvez, por isso, houve quem pretendesse justificar as profanações em Assis alegando que não passaram de exageros da imprensa. O encontro de Assis foi algo tão grotesco e ridículo que a própria imprensa internacional a ele se referiu com títulos jocosos e irreverentes, tais como: "PAIS NOSSOS QUE ESTAIS LÁ EM CIMA, NOS CÉUS" (Panorama - 02/11/86) "PAI NOSSO QUE ESTAIS NOS DEUSES" (Liberation - idem) "EM NOME DE TODOS OS DEUSES" (II Manifesto, mesma data) "ASSIS - A PAZ DOS DEUSES" (Le Quotidien, idem) "TODOS OS DEUSES DA HUMANIDADE SE ENCONTRARAM ONTEM EM ASSIS" (France Soir-28/10/86).

Alguns recusaram-se a crer que a estátua de Buda tivesse sido colocada em cima de um sacrário. Não bastasse a fotografia do sacrilégio consumado, temos ainda as declarações do Cardeal Silvio Oddi, da mesma linha do Papa João Paulo II, que se encontrava em Assis por ocasião do inusitado evento "religioso".



A estátua de Buda sobre o altar que custodiava as relíquias do mártir Vitorino, na Igreja de San Pietro.

Disse o Cardeal: - "Por esses dias caminhei por Assis, porque sou legado pontifício da da Basílica de S. Francisco, e em alguns lugares de oração assisti a profanações. Vi budistas dançarem ante o altar, onde, em lugar de Cristo, havia sido colocado BUDA, a quem se reverenciava e oferecia incenso".(Roma Aeterna nº 118 citando Esquiú - Buenos Aires-6/1/91). Se um Cardeal da Santa Igreja, que se manifesta a favor dessas "reuniões de religiões", portanto uma testemunha insuspeita, confessa ter presenciado as profanações não há motivo para se duvidar.

Aliás o Cardeal Silvio Oddi disse ainda que um Beneditino "manifestou seu escândalo (quanto ao culto budista no templo católico) e foi retirado pela polícia". Só que o Cardeal não reagiu. "Eu não gritei", disse ele, "mas o escândalo estava no meu coração," como se isto pudesse aplacar sua consciência face a sua omissão!

O Padre Emmanuel, em "O Drama do Fim dos Tempos", escrito há cem anos atrás, já AMALDIÇOAVA, profeticamente, os artífices e incentivadores de "encontros de religiões" como esse realizado em Assis, prenúncio do Apocalipse na obra citada. Disse o Pe. Emmanuel:- MALDITOS os cristãos que suportam sem indignação que seu adorável Salvador seja posto lado a lado com Buda e Maomé em não sei que panteão de falsos deuses".

Maldição à parte, não foi justamente isto que o Papa João Paulo II fez em Assis?

Lex Orandi Lex Credendi

Há na Igreja católica um adágio que diz: "Lex orandi, lex credendi", o que significa que a fé e a oração estão obrigatoriamente em perfeita sintonia. Baseado neste princípio, torna-se incompreensível que o Papa possa ter sido o organizador e o anfitrião de uma "reunião" como essa ocorrida em Assis. O mesmo João Paulo II que em sua oração recita: - "Creio em Deus Pai todo poderoso; vacila em sua fé onde não reconhece Deus com tanto poder assim. Se João Paulo II acredita da mesma forma que reza, que o Deus dos católicos é "todo poderoso", por que não rezar a Ele, e somente a Ele? Para que reunir líderes de confissões religiosas e pedir-lhes que rezem, cada um a seu Deus, pedindo pela paz? Tudo leva a crer que na concepção de João Paulo II o "Deus Pai todo poderoso", para conceder paz à terra precisa da ajuda de Alá, de Buda, de Vishnu, de Siva e de todos os deuses concebidos pela imaginação humana.

O encontro de religiões ocorrido em Assis, além de deixar os católicos perplexos, gerou dúvidas, até hoje não esclarecidas, quanto ao juízo que João Paulo II faz sobre Deus. Em primeiro lugar ficou a impressão de que ele seria politeísta, ou seja, crê na existência de vários deuses. Se ele não acreditasse em Alá, Sivah, Manitu e outros deuses, por que mandaria que se rezassem a eles? Poderíamos ainda admitir que este papa fosse henoteísta, ou seja, ele cultua um só Deus mas não exclui a existência de outros deuses. Formuladas estas duas hipóteses, vêm elas reforçadas por vários atos do atual pontífice que ratifica, de certa forma, a veracidade de uma delas, como por exemplo quando ele declarou crer no deus do Islã ou quando ele se deixou consagrar a um deus pagão por uma sacerdotisa hindu. Politeísta ou henoteísta? Seria temerário opinar. O que não se pode ignorar é o ultraje feito ao Deus Único e Verdadeiro, o "Deus Pai Todo- Poderoso".

O Primeiro Mandamento

Parece-nos que João Paulo II ao promover o encontro de religiões em Assis não levou em conta o primeiro mandamento gravado nas tábuas da lei "EU SOU O SENHOR TEU DEUS. NÃO TERÁS OUTROS DEUSES DIANTE DE MIM... NÃO OS ADORARÁS... NEM LHES PRESTARÁS CULTO". (Ex 20, 2-5).

Afinal incentivar as falsas religiões a prestar culto aos seus deuses, em Assis, é ou não é uma transgressão ao mandamento do próprio DEUS VERDADEIRO e uma ruptura declarada com Ele?

Na verdade, João Paulo II afastou-se de forma impressionante da Doutrina Católica com os acontecimentos de Assis e deixou de falar a mesma linguagem dos Apóstolos visto que S. João Evangelista nos manda não receber hereges em nossa casa e nem sequer os cumprimentar (2 Jo 1,10), além de fazer ouvidos de mercador às palavras Daquele a quem representa e que obrigatoriamente teria o dever de pregar e não de omitir-se, e o que é pior, ensinar a proceder de forma oposta aos Santos Evangelhos. Não pensem aqueles que possam vir a se escandalizar com nossas palavras ou achar que estamos sendo irreverentes ou mesmo atrevidos. - Não! Abram suas bíblias e leiam: - "Jesus Cristo é o príncipe da paz (Is 9,6) - Jesus Cristo mandou que se ensinasse a todas as gentes a observar todas as coisas que Ele nos ordenou (Mt 28, 19-20) - Jesus Cristo fez com que satanás se retirasse dizendo: adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás (Mt 4,10) - Ninguém vai ao Pai a não ser por Jesus Cristo (Jo 14,6) - E não existe nenhum outro meio de Salvação senão por Jesus Cristo (At 4,12) - Ele é a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,9) - Quem não segue a Jesus Cristo caminha nas trevas (Jo 8,12) quem não está com Jesus Cristo está contra Ele (Mt 13,30) Quem não honra Jesus Cristo ultraja o Pai (Jo 3,18) - Quem não crê em Jesus Cristo já está condenado porque não acreditou no Filho Unigênito de Deus (Jo 13,18) - Ao nome de Jesus Cristo dobrem-se todos os joelhos no céu, na terra e nos infernos (Fil 2,10-11) - Jesus Cristo é o Caminho (Jo 4,6) - A Jesus Cristo foi dado todo o poder no céu e na terra (Mt 28,18) -Jesus Cristo é a nossa paz (Ef 2,14). Portanto, incentivar as orações e cultos a Alá, Buda, Sivah, Brahma e outros deuses, é descrer nas Sagradas Escrituras, é afastar Jesus Cristo dos nossos caminhos, é deixar de ser católico, porque não é através dos falsos deuses que nos virá a paz.

Em Assis misturou-se o erro com a verdade, a religião verdadeira com às falsas tornando as cerimônias ali realizadas mais um ato de incredulidade do que de fé. Tudo isso não passou de um sincretismo¹ religioso sem precedentes e que o próprio Papa disse ser inaceitável.

¹ **Sincretismo:** Tendência à unificação de idéias ou de doutrinas diversificadas e, por vezes, até mesmo inconciliáveis. Fusão de elementos culturais diferentes, ou até antagonicos, em um só elemento, continuando perceptíveis alguns sinais originários.

A Bíblia Condena Assis

Consideremos preliminarmente que nascemos para conhecer, amar e servir a Deus. Este é o princípio básico da criação do homem sem o qual ninguém atinge a meta prioritária que é a salvação da alma. João Paulo II parece ignorar essa noção mais elementar do catecismo ao promover o "encontro de religiões" em Assis. Vejamos se não é assim.

Ele reuniu em Assis, Itália, hereges, cismáticos, islamitas, judeus, bruxos e diversos líderes de outras confissões religiosas, incentivando-os a rezarem a deuses pela paz no mundo. Essa profusão de deuses sendo invocados com cultos que lhes são próprios, sob os auspícios do Papa, parece demonstrar falta de conhecimento do Deus Único e Verdadeiro. Se consultarmos a Bíblia veremos que o próprio Deus diz: - "EU SOU O SENHOR E NÃO HÁ OUTRO" (Is 45,6). FORA DE MIM NÃO HÁ DEUS" (Is 45,5). É ainda em Isaías que lemos que Deus chama insensatos os que fazem ídolos e DIRIGEM SUAS PRECES A UM DEUS INCAPAZ DE SALVAR" (Is 45,20). Também no livro dos Salmos encontramos uma condenação explícita ao encontro de religiões de Assis: - "NÃO HAJA ENTRE VÓS UM DEUS ESTRANGEIRO NEM ADORARÁS UM DEUS ESTRANHO" (SL LXXX, 10). Observe-se, portanto, que João Paulo II ou não tem um perfeito conhecimento de Deus ou então se coloca acima da Bíblia e da autoridade da palavra divina. Diante desse encontro de religiões onde o Papa mandou que se rezassem a todos os deuses que a concepção humana criou, seria o caso de repetirmos a João Paulo II o que o Deus Verdadeiro pergunta através do profeta - Isaías: - "PORVENTURA HÁ OUTRO DEUS FORA DE MIM, E OUTRO CRIADOR QUE EU NÃO CONHEÇA?" (Is 44,8). E Moisés acrescenta "O SENHOR É O ÚNICO DEUS (VERDADEIRO) DESDE O ALTO DO CÉU ATÉ O MAIS PROFUNDO DA TERRA E NÃO HÁ OUTRO" (Dt 4,39). No livro dos Reis está escrito: - "Que todos os povos saibam que Ele, o Senhor é Deus, e que não há outro fora dele" (3 Rs 8,60).

É também a Bíblia que assinala a ira de Deus contra os falsos deuses cultuados, principalmente, nesse panteão tétrico assentados em Assis. A Bíblia adverte que esses deuses "não vêem nem entendem" (Is 44,9). O livro da Sabedoria chama de "desgraçados" os que "fundam suas esperanças" em falsos deuses (Sab 13,10), e afirma que virá "o merecido castigo" para os que reverenciarem a esses deuses (Sab 14,30). Deus puniu os judeus que fundiram um "bezerro de ouro" representando os "deuses que os tiraram do Egito" (Ex 32,35) e levou à morte os sacerdotes de Baal (3 Rs 18,40). É ainda na Bíblia que Deus adverte que se deve abster-se de amizades com habitantes de terras onde se cultuam falsos deuses, e não fazer pacto algum com os homens desses países (Ex 34,11-15).

Amar a Deus consiste em observar seus mandamentos, diz o apóstolo S. João (1 Jo 5,3). Com o "encontro de religiões" para rezar a falsos deuses pela paz, João Paulo II, como já havíamos observado, se coloca acintosamente contra o 1º mandamento da lei de Deus, onde se lê: - "Eu sou o Senhor teu Deus. Não terás outros deuses além de mim... não os adorarás... nem lhes darás culto" (Ex 20, 2-5). Não vamos ocupar o espaço para tornar a descrever quantas vezes esse mandamento foi enxovalhado em Assis. Basta recordar o ídolo de Buda em cima do sacrário durante o culto budista realizado na Igreja de San Pietro. Quem não guarda os mandamentos não ama a Deus. Servir a Deus é fazer a sua vontade. Em Assis certamente não fizeram a vontade de Deus ao entregarem as Igrejas Católicas a idolatras e feiticeiros para realizarem suas cerimônias e feiticeiros para realizarem suas cerimônias pagãs.



João Paulo II recebe o sinal dos adoradores de Shiva

Sobre isto já dizia o Deus Único e Verdadeiro: - "E puseram os seus ídolos na casa (Igreja) em que o meu nome foi invocado para o profanarem". (Jer 32,34). No salmo 95,5 Deus já nos advertia que: - "OS DEUSES DAS NAÇÕES SÃO DEMÔNIOS". Eis que os criadores do "encontro de religiões" de Assis, entre eles o Papa, mandaram os sacerdotes desses deuses cultuá-los e fazer-lhes preces. Será assim que se serve a Deus, fazendo o que Ele condena? O católico sensato, certamente permanecerá fiel à Bíblia onde Deus reprova energicamente tais cultos e não a João Paulo II que os incentiva e aprova.

O Deus da Paz

Os "encontros de religiões" pela paz continuaram a ser realizados em outros países. O 6º encontro que a imprensa deu um enfoque maior depois de Assis, aconteceu em Bruxelas, na Bélgica. Independente desses eventos, em 1992, no dia da paz João Paulo II fez um patético APELO AOS DEUSES, convidando sacerdotes, bruxos, feiticeiros, ulemás, imames, aiatolás, pastores, rabinos, enfim a todos os que cultuam deuses como Siva, Vishnu, Buda, Manitu, Brahma, Alá e a todas as demais concepções humanas de deus a darem-se as mãos e rezarem pela paz.

O Papa, depois de pedir a união de todos os "crentes" que admitem a existência de um deus, seja ele Baal ou o Bezerro de Ouro, Buda ou Alá, ou que outro nome tenha nesse panteão "ecumênico", se dirige também aos que têm uma concepção cristã de Deus. Em nome da paz ele coloca no mesmo pé de igualdade Católicos, hereges e cismáticos, o que não é de admirar, já que ele igualou os falsos deuses a Jesus Cristo. Não será apelando a todos os deuses nem às orações dos hereges que teremos a paz. A paz só virá do único e verdadeiro Deus a quem "nenhuma coisa é impossível" (Lc 1, 37). A paz verdadeira é a que vem de Jesus Cristo como se lê nos Santos Evangelhos "Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz (Jo 14, 27). O Profeta Miquéias afirma que Jesus Cristo é a paz" (5, 5) e o Profeta Isaias o chama de: - "Príncipe da Paz" (9, 6). S. Paulo, apóstolo de Cristo, saúda os romanos com estas palavras: - "O Deus da paz seja com todos vós" (15, 33); aos Coríntios ele dizia que "Deus nos chamou a viver em paz" (1 Cor 7, 15) e aos Filipenses mandou que fizessem - "tudo o que aprenderam, ouviram e receberam dele pois, assim, "o Deus da paz" estaria com eles (4, 9). Eis aí como alcançar a paz: fazer exatamente aquilo que os apóstolos ensinaram.

A missão dos apóstolos, recebida do próprio Cristo, foi a de ensinar a "todas as nações"

instruído-as a observar tudo o que Ele tinha mandado (Mt 28,19-20). S. João ensina que aos hereges não devemos nem cumprimentar - Nec dixerit ave - (2 Jo 10) e S. Paulo nos manda fugir do homem herege (Tito 3, 10). Enquanto os apóstolos condenam os hereges João Paulo II abraça fraternalmente a todos eles.

A Negação da Divindade

Com um mínimo de raciocínio se conclui que João Paulo II negou a divindade de Cristo ao pedir que se fizessem orações pela paz no mundo a todos os deuses que a imaginação do homem criou. Se Jesus Cristo, denominado pelo profeta nas Sagradas Escrituras como "o Príncipe da paz", não tem poder para conceder a paz por si mesmo necessitando o auxílio de falsos deuses, também Ele não seria um Deus verdadeiro.

Poucos meses antes da realização do famigerado "encontro" realizado em Assis, foi publicado um documento da comissão de relações com o judaísmo intitulado "Católicos e Judeus: uma nova perspectiva" (Dc./Cath n° 1900 - 24/06/86), onde divulgam um ato de João Paulo II convidando católicos e judeus a prepararem juntos "o mundo para a vinda do Messias". Os católicos crêem firmemente que o Messias prometido nos livros santos já veio: é Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro que se fez carne e habitou entre nós. Os judeus se recusam a aceitar Cristo como Deus e continuam a esperar por esse Messias. João Paulo II se junta aos judeus nessa inútil espera admitindo dessa forma que Jesus Cristo não era o messias e, nesse caso sua divindade seria uma farsa (perdão, meu Deus!).

Mas consultemos outros documentos, desta feita se referido aos maometanos. Em 1º de junho de 1982, em discurso aos representantes das comunidades cristãs no arcebispado de Edimburgo, João Paulo II fala sobre a unidade e pede respeito ao Islã, afirmando: "CREMOS NO MESMO DEUS" (L'Osservatore Romano-Ed. Castelhana - "Viagem apostólica a Grã-Bretanha e Argentina" pag 7). Três anos depois, em Casablanca, num estádio em que se encontravam presentes oitenta mil jovens muçulmanos, João Paulo II preconiza "o diálogo com o Islã" e afirma: nós temos o NOSSO DEUS" (Herie et Hodie n°37-jan/ 87).

Muito bem. Quando João Paulo II afirma aos muçulmanos textualmente: "Nós temos o NOSSO DEUS" ou como havia dito antes: "cremos no MESMO DEUS", está admitindo, sem qualquer dúvida, que seu Deus é o mesmo deus do Islã, ou seja, Alá e não Jesus Cristo. Os islamitas, ou muçulmanos, crêem num deus revelado por Maomé, REJEITAM A DIVINDADE DE CRISTO, não aceitam a sua encarnação nem a necessidade de redenção.

Se João Paulo II afirma a sua crença no deus islâmico ninguém pode, em sã consciência, duvidar que ele comunga os mesmos sentimentos religiosos dos muçulmanos e com eles nega a divindade de Jesus Cristo.

O Ecumenismo não Justifica Assis

O verdadeiro ecumenismo é aquele que busca a unidade esforçando-se por fazer retornar ao seio da Igreja os cristãos não católicos. A unidade, por sua vez, consiste em admitir e professar a mesma fé. Só a Igreja católica, fundada por Jesus Cristo, professa a fé verdadeira e apenas dentro dela é possível a tão desejada unidade.

Sempre foi incentivado e ensinado pela Igreja o verdadeiro ecumenismo e condenados os desvios que levam a um falso ecumenismo como se pode ver pelos ensinamentos dos papas até o Concílio Vaticano II.

Pio IX, no Syllabus, condena como erradas as proposições que dizem que "os homens podem encontrar no culto de qualquer religião o caminho da salvação eterna e alcançar a eterna salvação" e que "todo homem é livre para abraçar e professar a religião que, guiado pela luz da razão, tiver por verdadeira". Tais proposições condenadas por Pio IX constituem, pode-se assim

dizer, a base do falso ecumenismo que é apregoado nos dias de hoje.

Leão XIII na encíclica "Praeclara Gratulationes" faz uma exortação geral a todos os que se separaram da Igreja para regressar à unidade. E na encíclica "Satis Cognitum" mostra com toda clareza a verdadeira doutrina a respeito da unidade da Igreja Católica, única fundada por Jesus Cristo e fora da qual não existe nenhuma outra Igreja.

S. Pio X, na carta "Ex Quo", assinala os esforços da Igreja Católica em trazer de volta ao seu seio as Igrejas Orientais dissidentes. Pede que todos trabalhem pela unidade, "para que as ovelhas dispersas se reúnam na mesma profissão de fé católica, sob o único pastor".

Bento XV, na carta apostólica "Cum Catholicae Ecclesiae" recomenda orações pela união dos cristãos, ansiando pelo regresso daqueles que se afastaram do seio da Igreja Católica.

Pio XI na encíclica "Mortalium Animos", expõe com toda clareza os princípios do verdadeiro Ecumenismo, mostrando ainda os erros mais freqüentes e os perigos que podem advir de uma falsa concepção do ecumenismo.

Pio XII, na encíclica "Orientalis Ecclesiae", exorta o regresso dos dissidentes à verdadeira Igreja de Cristo, explicando que a unidade só se dá quando se professa a mesma fé obedecendo a uma só autoridade. (apud "Roma Aeterna" n^{os} 91-92).

Eis aí o que é o verdadeiro ecumenismo.

O FALSO ECUMENISMO

O falso ecumenismo é um movimento destinado a reagrupar todos os cristãos e também os pagãos numa espécie de "confederação universal", admitindo que a unidade da Igreja nunca existiu e nem existe em nossos dias. É ainda a união de todos os erros com a verdade já que cada religião (falsa) continua a crer, cada qual naquilo que ensina, sem renunciar a seus dogmas, tendo todas o mesmo direito que a verdadeira Igreja de Cristo que, assim, passa a nivelar-se com as demais. Admite ainda, que em qualquer confissão cristã se pode agradar a Deus e esperar a salvação eterna gerando, portanto, o indiferentismo religioso.

Os pronunciamentos e atos dos Papas pós-concílio, podem ser considerados como indícios de que os desvios condenados pelos Papas anteriores ao Concílio Vaticano II foram introduzidos na Igreja e que a falsa concepção de ecumenismo passou a ser tida por verdadeira. Eis alguns exemplos:

Paulo VI beija os pés de Atenagóras, Patriarca de Constantinópla; propõe a fixação de uma data comum para a Páscoa com o Patriarca de Alexandria; entrega seu anel pastoral ao anglicano Michael Ramsay e ambos benzem a assembléia; entrega as relíquias de S. Tito à Igreja Ortodoxa de Creta; entrega as relíquias de S. André à Igreja Ortodoxa Grega; Paulo VI faz discurso na catedral ortodoxa de S. Jorge, em Istambul, onde diz que "com caridade serão superadas as diferenças de vocabulário teológico".

João Paulo II faz discurso a Dimitrios I, Patriarca de Constantinopla, onde assinala que as Igrejas Católica e Ortodoxa são irmãs e que "possuem doutrina, padres e concílios comuns; fala em herança comum entre católicos e anglicanos; ao "arcebispo" Robert Rucie fala em estudar tudo o que impede "o reconhecimento recíproco dos ministérios católico e anglicano"; ao Patriarca de Antioquia, João Paulo II diz que as "dificuldades surgiram do uso de expressões teológicas diferentes para manifestar a fé comum". (Cfr "Roma Aeterna" n^{os} 91-92).

Os documentos do Vaticano II também demonstram que, de fato, o ecumenismo pós-conciliar sofreu aqueles desvios que sempre foram condenados pela Igreja Católica: a declaração "Dignitatis Humanae", por exemplo, no n^o 2, declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. O Decreto "Unitatis Redintegratio", no n^o 3, diz que o Espírito Santo se utiliza das religiões falsas como meio de salvação, além de colocar o diálogo em pé de igualdade com os dissidentes (n^o 9). E a declaração "Nostra Aetate", amplia o ecumenismo a todas as religiões.

CONCLUSÃO

Daí concluímos que, aquilo que se ensina e se pratica na Igreja de hoje em nome do ecumenismo, é totalmente falso e contrário aos ensinamentos dos Papas que expuseram com clareza a doutrina católica sobre o ecumenismo, que só pode se concretizar com o retorno à Igreja daqueles que dela se afastaram e não numa falsa união de religiões cada qual com uma concepção diferente, todas colocadas no mesmo plano e com iguais direitos.

A Liberdade Religiosa é um Blefe

Antes de tudo, cumpre distinguir entre tolerância religiosa e liberdade religiosa. A Igreja sempre condenou a liberdade religiosa aceitando que "o culto público das falsas religiões possa ser eventualmente tolerado pelos poderes civis com a finalidade de obter um bem maior ou evitar um mal maior" como dizia SS Pio XII (aloc. 06/12/53).

A Igreja aceita essa tolerância considerando que vivemos numa sociedade pluralista em matéria religiosa, mas jamais admitiu que o homem possa vir a seguir uma religião que for do seu agrado. A liberdade religiosa sempre foi condenada pela Igreja. Não obstante isso, é doutrina crida e ensinada pelos papas que ninguém pode ser coagido a abraçar a religião católica, única e verdadeira (*ad amplectendam fidem catholicam nemo invitatus cogatur*).

Todos têm o dever de procurar conhecer e abraçar a religião verdadeira, fundada por N. S. Jesus Cristo. As demais não passam de seitas com origem no homem e se fundamentam no erro. O erro por sua vez, não tem direitos, nem mesmo o direito de existência, nem pode se apoiar em qualquer fundamento jurídico.

O que o Concílio Vaticano II tentou fazer foi igualar o erro à verdade colocando todas as religiões em pé de igualdade, sem distinção de verdadeira e falsa, concedendo ao homem o direito de abraçar a que melhor lhe aprouver, ou de não abraçar nenhuma.

O Papa Gregório XVI, muito oportunamente cita Santo Agostinho perguntando: -"que morte pior para a alma que a liberdade do erro?" (*Mirare Vos*).

Assim, vemos o Magistério da Igreja condenando veementemente a liberdade religiosa:

- Pio IX condena como errada a proposição que diz que a liberdade de consciência e de cultos é um direito livre de cada homem (*Quanta Cura*).
- Leão XIII diz que de maneira alguma é lícito defender, nem conceber a liberdade de pensar, escrever e ensinar, nem igualmente a promíscua liberdade de cultos (*Libertas*).
- Pio XI considera falsa a opinião "dos que julgam que quaisquer religiões são mais ou menos boas e louváveis", classifica como erro "a união de religiões falsas com a verdadeira em igualdade de condições" (*Mortalium Animos*).

Quanto ao problema Igreja-Estado, sabemos que o Estado não pode ser neutro em matéria religiosa, visto que a sociedade tem por obrigação render culto à religião verdadeira, tolerando as demais pelo motivo já aduzido acima, bem lembrado pelo Papa Pio XII.

No entanto, o Concílio Vaticano II determinou que o direito da pessoa humana à liberdade religiosa deve ser reconhecido na ordenação Jurídica da sociedade de forma que se converta em um direito civil (*Dignitatis Humanae*).

Não é este o pensamento do Papa Leão XIII que ensina que "nem pela justiça, nem pela razão, o Estado pode ser ateu... já que é pois necessário professar uma religião dentro da sociedade, tem que professar aquela que é a única verdadeira... esta religião os chefes de Estado devem conservá-la e defendê-la. (*Libertas*).

Por outro lado, diz ainda o Concílio Vaticano II, que "se se outorga a uma comunidade religiosa um especial reconhecimento civil na ordenação jurídica da sociedade, é necessário que ao mesmo tempo se reconheça e respeite a todos os cidadãos e comunidades religiosas o direito a liberdade em matéria religiosa (*Dignitatis Humanae-6*). Sobre isto o Papa Pio IX já condenava a

seguinte proposição: - "na nossa época, não é mais necessário que a religião católica seja considerada como a única religião do Estado, com exclusão dos demais cultos (proposição condenada - Pio IX - Syllabus).

Por tudo isso se vê como o ensinamento do Concílio Vaticano II é contrário à doutrina tradicional da Igreja sobre este assunto e como trouxe e trará péssimas conseqüências práticas, haja vista a concordata entre a Santa Sé e a Itália pela qual o catolicismo "deixa de ser a religião oficial do País e Roma não é mais considerada a cidade sagrada, isto é, legalmente não é mais possível impedir em Roma a publicação de peças, livros, filmes ofensivos ao catolicismo ou ao papado. São larguezas e liberalidades que as atuais autoridades vaticanas se permitem com o que era, até aqui, patrimônio da Igreja.

Fruto dessa doutrina condenada foi o tristemente célebre "encontro de Assis" onde as falsas religiões foram prestigiadas como tais, pela Santa Sé, e convidadas a invocarem seus falsos deuses. Escândalo sem precedentes e grave ofensa a nosso Senhor Jesus Cristo.

Todas Religiões são Boas?

Ao encontro de religiões, em Assis, seguiram-se os de Tóquio, Roma, Bruxelas, etc, reunindo líderes das mais diversas confissões religiosas, para ali rezarem, cada qual, ao deus que na sua concepção deturpada da divindade têm por verdadeiro. Deus foi ultrajado e muitas Igrejas profanadas nesses insólitos acontecimentos que tiveram o patrocínio da mais alta cúpula da hierarquia católica.

Daí a pergunta título "TODAS AS RELIGIÕES SÃO BOAS?" que formulo com o intuito de esclarecer e orientar aqueles que ainda não se deixaram arrastar pelos guias "surdos e cegos" que conduzem o sofrido povo de Deus.

A partir do Concílio Vaticano II surgiu essa tendência de nivelar a religião verdadeira às falsas religiões, o que é incontestavelmente fora de propósito. Assim como há um só Deus apenas uma Fé é verdadeira. Dizer que todos crêem num mesmo Deus é um contra-senso, bastando citar como exemplo os islamitas que não aceitam Jesus Cristo que para nós é Deus e Senhor. Afirmar que todas as religiões são boas é igualar a religião verdadeira às falsas, é o mesmo que admitir que o dinheiro falso tem o mesmo valor que o dinheiro verdadeiro.

Deus quer ser adorado da maneira que lhe apraz e não como querem os homens. Ele não quer ser um Deus entre outros deuses. Quer ser adorado como o Deus único e verdadeiro e condena os que adoram falsos deuses através de rituais pagãos e animistas. Ele próprio afirmou isto quando gravou nas tábuas da Lei esse mandamento: -"Eu sou o Senhor teu Deus. Não terás outros deuses além de mim... não os adorarás... nem lhes prestarás culto" (Ex 20,2-5). Diante disso quem pode afirmar que todas as religiões são boas ou que levam a Deus? Se fosse certo que todas as religiões levam a Deus, por que Jesus Cristo instituiria uma religião? Por que Ele desceria do céu, pregaria aos homens e daria aos seus apóstolos a missão de ensinar a verdadeira doutrina a todos os povos? Além disso, É o próprio Cristo que ensina que ninguém vai a Deus a não ser por Ele (Jo 14,6). Foi também Cristo que fez com que Satanás se retirasse, dizendo: "Adorarás o Senhor teu Deus e só a Ele servirás"(Mt 4,10). Foi ainda Ele que afirmou categoricamente que "quem crer e for batizado, será salvo, mas quem não crer, será condenado"(Mc 16 16). Os apóstolos ensinavam que "não existe nenhum outro meio de salvação senão por Jesus Cristo"(At 4,12). "Quem não segue a Jesus Cristo" lê-se na Sagrada Escritura, "caminha nas trevas"(Jo 8,12).

Se Deus considerasse boas todas as religiões, ele não teria necessidade de enviar seu filho unigênito à Terra para ensinar os homens a trilhar o caminho da verdadeira e única religião que efetivamente conduz ao reino dos céus.

Se todas as religiões fossem boas, como explicar que numerosos mártires tivessem preferido a morte a renegar Cristo para abraçar os deuses? Pode-se ter como boas as seitas que fazem sacrifícios humanos ou as religiões satânicas que prestam culto ao próprio demônio? Então, tanto faz adorar um animal, ou os deuses mitológicos, ou o sol ou a lua? Seriam iguais aos olhos de Deus

um santo como Francisco de Assis e o beberrão, adúltero e apóstata Martinho Lutero? No mesmo pé de igualdade e respeito se colocaria Buda e Cristo?

O encontro de religiões, em Assis, ao igualar a Igreja Católica às falsas religiões admite pública e erroneamente que todas as religiões são boas. O Papa João Paulo II contradiz Deus além de confirmar no erro os seguidores das falsas religiões. Artífice de tais encontros, João Paulo II não está se comportando como papa e chefe da Igreja, pois, como representante de Jesus Cristo, tem por obrigação ensinar o que o Divino Mestre mandou e não criar novidades que contrariam e aviltam esses ensinamentos.

Eles desafiaram Papas. E São Santos!

A História da Igreja registra inúmeros exemplos de santos que discordaram, repreenderam e até mesmo recusaram obediência a Papas cujos procedimentos não eram condizentes com a Fé Católica.

S. Hugo de Grenoble e S. Godofredo de Amiens, reunidos no Sínodo de Vienne com a participação de vários bispos, em 1111, discordaram de atos praticados pelo Papa Pascoal II a quem escreveram comunicando as decisões que haviam tomado e foram decisivos e enérgicos conforme vemos nesse trecho da carta: "Se, como absolutamente não cremos, escolherdes outro caminho, e vos negardes a confirmar as nossas decisões, valha-nos Deus, pois assim NOS ESTAREIS AFASTANDO DA VOSSA OBEDIÊNCIA.

S. Bruno, Bispo de Segni, também se opôs ao Papa Pascoal II e se dirigiu a ele nesses termos: - "Eu vos estimo como meu pai e senhor. Devo amar-vos, porém, devo amar mais AQUELE que criou a vós e a mim". Referindo-se ao pacto feito pelo Papa com o imperador Henrique V, o santo escreve a Pascoal II dizendo ser "horrrível, violento, feito com traição e contrário a toda piedade e religião.

"A cadeira de Pedro exige a conduta de Pedro", disse S. Norberto de Magdburgo ao Papa Lotário III ao deixar bem claro que lhe faria oposição se persistisse no erro que estava para cometer.

Santo Atanásio (sec. IV) recusou-se a obedecer ao Papa Libério que favorecia a heresia ariana. Foi inclusive excomungado por esse Papa em três documentos um dos quais se lê textualmente que Santo Atanásio "está separado da comunhão da Igreja Romana, conforme é testemunha todo o presbitério da Igreja Romana". No entanto, A Igreja canonizou Santo Atanásio, colocando-o como modelo de santidade, de dedicação e fidelidade à Fé Católica. Quanto ao Papa Libério a Santa Sé não se definiu. Esperamos que esteja na santa Paz de Deus.

S. Máximo recusou-se a obedecer ao controvertido Papa Honório I acusado de favorecer a heresia monoteleta². A Igreja elevou S. Máximo às honras dos altares e anatematizou o Papa Honório que, no dizer do Papa Leão II, "não ilustrou esta Igreja Apostólica com a doutrina da Tradição Apostólica, mas permitiu, por uma traição sacrílega, que fosse maculada a Fé imaculada".

No século I o Papa Vitor I, santo canonizado, excedeu-se em uma ameaça de excomunhão considerada exagerada, sendo por isso repreendido por Santo Irineu. Santo Agostinho, grande Doutor da Igreja, discordou do Papa Zósimo, também santo, por este haver dado muito crédito a Celéstio que defendia a heresia pregada por Pelágio³. Embora Roberto Grosseteste, bispo de Lincoln, na Inglaterra, (1175-1253), não seja canonizado, acho oportuno citar um pequeno trecho de sua carta recusando-se a aceitar uma decisão leviana e imprudente do Papa Inocêncio IV, ocasião em que se viu forçado a desobedecer o Papa em nome da obediência. Disse ele: "Precisamente por causa da obediência que me liga e do meu amor de união à Santa Sé, no Corpo de Cristo, como filho obediente EU VOS DESOBEDEÇO, EU VOS CONTRADIGO, EU ME REBELO". A História Eclesiástica faz referências às mais elogiosas a esse bispo.

² **Monotelismo:** Derivação do monofisismo defendida no séc. VII, que sustenta a existência de uma única vontade em Cristo.

³ **Pelagianismo:** A doutrina de Pelágio (séc. V), heresiarca inglês, a qual nega o pecado original e a corrupção da natureza humana e, conseqüentemente, a necessidade do batismo.

Observa-se, portanto, que não há do que se queixar quando alguém escreve discordando admoestando ou contestando os atentados que o Papa João Paulo II comete contra a Fé, contra a Tradição, contra a Bíblia, enfim contra a própria essência do catolicismo. Não foi isso que os santos fizeram? E todos sabemos que os santos são colocados como modelos a serem seguidos por todos os cristãos. Sigamo-los, pois.

Um Exemplo a Seguir

Não obstante o grande número de Papas que passaram pela cátedra de São Pedro em odor de santidade, permitiu a Providência Divina que ocupassem o sólio pontifício uns poucos eclesiásticos sem as virtudes que devem ornar um Pontífice Romano. Entre eles, destacamos o advogado e militar, Rodrigo de Bórgia, que adotou o nome, tristemente célebre, de Alexandre VI. Hoje, quando se tenta impor aos católicos uma obediência cega ao atual Pontífice, é interessante recordarmos o desastroso pontificado de Alexandre VI e a tenaz resistência que lhe opôs um santo prior dominicano.

A História da Igreja registra que Alexandre VI "foi eleito Papa por detestáveis maquinações simoníacas⁴". (D. Jaime Câmara-Apont. de Hist. Eclesiástica-pág. 196). "Os cardeais sem constrangimento, nem precipitação, em plena liberdade e, por isso, validamente, mas com vergonhosos tráficos simoníacos e, por isso, ilicitamente, puseram a tiara na cabeça do Cardeal Rodrigo Bórgia, cujos adultérios, perfídias e crueldades eram conhecidos por todo mundo... Permitiu a Divina Providência que subisse ao mais alto grau da hierarquia um homem que a Igreja primitiva não teria admitido nem à mais baixa dignidade eclesiástica".

"Contra os excessos do Papa e em geral contra os abusos da Cúria, ergueu-se qual novo Elias o célebre Girólamo Savonarola" (F. D. Romag - Compêndio de Hist. da Igreja - Vol. II - pág. 278/280). "O genial Savonarola, prior do convento dos dominicanos, em Florença, que gozava de extraordinário prestígio naquela cidade, por causa da austeridade de sua vida e da força arrebatadora da sua eloquência, fazia invectivas veementes contra o Papa e sua Cúria mundana". (D. J. Câmara - pág. 197). Com ardor desusado exortou os cristãos a reformar seus costumes e trabalhou por se reunir um Concílio geral onde o Papa fosse deposto. Alexandre VI chamou-o a seu tribunal. Savonarola, porém, não obedeceu e desprezou a excomunhão". (F. D. Romag Vol. II pág. 280). Ele tinha plena convicção da nulidade dessa excomunhão, tanto que, por diversas vezes, "frisou energicamente que afastar-se da Igreja Romana era afastar-se do próprio Cristo", e ele estava com Cristo e sua Igreja. Contra ele foi instaurado um processo onde foi condenado à morte "como herético, cismático e desprezador da Santa Sé". Morreu na fogueira.

O Papa Júlio II, que sucedeu a Alexandre VI, considerava Savonarola um santo, digno das honras dos altares. Pensavam da mesma forma os Papas Clemente VII e Paulo III que também exaltaram a santidade de Savonarola. S. Felipe Neri e S^{ta}. Catarina Ricci devotavam grande admiração pelo extraordinário prior dominicano. E, como se isto não bastasse, há no Vaticano um processo para beatificar Girólamo Savonarola. Em sua época, Savonarola era um "desobediente" um "excomungado", um "cismático" e um "detrator do Papa". No entanto, a Igreja lhe fez justiça. Enaltece a sua justificável e santa desobediência; considera inválida a sua excomunhão; exalta a sua ortodoxia e a sua santidade e defende a legitimidade das suas enérgicas censuras ao Papa e sua Cúria mundana. Quanto a Alexandre VI, passou à história com a imagem enegrecida pelos seus atos desonestos, devassos e cruéis.

Que Savonarola sirva de exemplo para os verdadeiros discípulos de Cristo e de alerta aos prosélitos das novidades, que formam uma nova religião amoldada às suas preferências pessoais.

⁴ **Simonía:** Tráfico de coisas sagradas ou espirituais, tais como sacramentos, dignidades, benefícios eclesiásticos, etc.

A Santa Desobediência

Já mostrei como os santos desafiaram Papas recusando-lhes obediência quando os seus atos não se coadunavam com a Fé Católica ou deixavam de se portar com a dignidade que o cargo de Pontífice Máximo lhes impunha. Em tais circunstâncias, a desobediência ao Papa é legítima como afirmam os mais renomados teólogos e doutores da Igreja.

Os teólogos de Veneza reuniram-se buscando dirimir certas divergências em relação à Santa Sé, e emitiram diversas proposições que foram submetidas a S. Roberto Belarmino (1542-1621) consultor do Papa e grande defensor da supremacia Pontifícia. Entre elas, destacamos a proposição de nº 10 que estabelece o seguinte: "A obediência ao Papa não é absoluta. Esta não se estende aos atos onde SERIA PECADO OBEDECER". Respondendo afirmou o santo cardeal e Doutor da Igreja: "Não há nada a dizer contra a proposição de nº 10, pois ela está expressa na Sagrada Escritura". Logo, é pecado obedecer a Papas como HONÓRIO I (anatematizado), LIBÉRIO (favoreceu à heresia), ALEXANDRE VI (devasso, adúltero e cruel), PAULO VI (subverteu os ritos fundados em tradição apostólica) e, finalmente, JOÃO PAULO II, que agride à Fé Católica, favorece à heresia progressista, provoca escândalos, trata como pecadora a Igreja que deveria ter por santa, despreza a tradição, permite cultos sacrílegos nos templos católicos, prega um evangelho diferente do que Cristo ensinou, aceita falsos deuses como se fosse seu próprio Deus, prega o paganismo, enaltece hereges, chama cismáticos de irmãos e infiéis de fiéis, além de perseguir os católicos verdadeiros: Os Tradicionalistas. Vê-se, pois, que é pecado, e grave, prestar obediência a João Paulo II em casos como estes.

Vejamos o parecer abalizado de renomados teólogos com relação ao hipotético procedimento de um mal Papa e que se ajusta perfeitamente à conduta dos últimos pontífices.

- FRANCISCO SUÁREZ (1548-1617) considerado o maior teólogo pós-tridentino: - "O Papa poderia ser cismático se quisesse... subverter todas as cerimônias eclesiais fundadas em tradição apostólica" (não foi isso que Paulo VI fez?). Diz ainda: "Se o Papa baixar uma ordem contrária aos bons costumes, não se deve obedecer-lhe. Se tentar fazer algo manifestamente contrário à justiça e ao bem comum, será lícito resistir-lhe".
- FRANCISCO DE VITORIA, grande teólogo espanhol do séc. XVI escreveu: "Se o Papa, com suas ordens e seus atos destrói a Igreja, deve-se resistir e impedir a execução de suas ordens".
- O ilustre CARDEAL CAETANO, também do sec. XVI, sustentava que "deve-se resistir em face ao Papa que publicamente destrói a Igreja".
- O CARDEAL JOURNET, citando Caetano, diz que "quanto ao axioma onde está o Papa está a Igreja, vale quando o Papa se comporta como Papa e Chefe da Igreja, caso contrário, nem a Igreja está nele nem ele está na Igreja".
- S. IVO DE CHARTRES, bispo e notável canonista⁵ (sec. XIII) asseverou: "Não queremos privar as chaves principais da Igreja (o Papa) do seu poder... a menos que se afaste manifestamente da verdade Evangélica".
- S. ROBERTO BELARMINO, já citado, também ensinou que assim como é lícito resistir ao Papa que agride o corpo, também se deve resistir ao papa que agride as almas, ou que perturba a ordem civil e, sobretudo, aquele que tentasse destruir a Igreja. É lícito resistir-lhe não fazendo o que ele manda e impedindo a execução da sua vontade".
- D. PRÓSPERO GUÉRANGER, eminente liturgista do século XIX afirma que: "Quando o pastor se transforma em lobo é ao rebanho que, em primeiro lugar, cabe defender-se".

Conclui-se que a DESOBEDIÊNCIA passa a ser uma virtude quando OBEDECER se torna pecado.

⁵ Isto é, pessoa versada nos cânones.

A "Papolatria" Atual

Tendo por escopo impor a herética doutrina - progressista, seus luciferinos pregoeiros a apresentam habilmente camuflada como católica. Para lograr seus sórdidos objetivos esses corifeus da impiedade deturparam o conceito da obediência ao Papa até os intoleráveis limites do absolutismo. Já demonstrei que essa obediência não faz sentido enquanto o Papa estiver favorecendo a heresia. O exemplo dos santos que enfrentaram até a excomunhão para não acompanhar o Papa no erro nos mostra isto. Também citei os grandes teólogos e doutores da Igreja que ensinaram que se deve resistir ao Papa que erra. Ainda assim, sabemos que os crédulos e os ingênuos ludibriados por pastores infieis preferem ignorar os ensinamentos de santos extraordinários, de teólogos de renome, da própria Igreja e, pasmem, até mesmo de Papas que dignificaram o sólio pontifício. O chamado "povo de Deus", enganado, iludido, faz coro aos artífices da "nova religião" vociferando a palavra de ordem: OBEDIÊNCIA - "é preciso obedecer" - "o Papa não erra". Estes que afirmam tamanho despautério certamente não conhecem a Pastoral Coletiva dos Bispos Suíços, de 1871, APROVADA PELO PAPA PIO IX e que diz o seguinte: "O Papa não é infalível nem como homem, nem como sábio, nem como sacerdote, nem como príncipe temporal, nem como juiz, nem como legislador. NÃO É INFALÍVEL NEM IMPECÁVEL na sua vida e no seu procedimento, nas suas vistas políticas, nas suas relações com o príncipe (com os governantes) NEM MESMO NO GOVERNO DA IGREJA".

Portanto, quem diz que o Papa não pode errar, cai em contradição pois está aceitando que Pio IX errou ao aprovar esta Pastoral. Ou apenas João Paulo II é inerrante?

Outra objeção dos progressistas para exigir submissão total ao Papa é de que ele não pode cometer erros porque tem a Assistência do Espírito Santo. O primeiro Concílio Vaticano, na Constituição "Pastor Aeternus", é bem clara a esse respeito quando declara que "O Espírito Santo não foi prometido aos sucessores de Pedro para que pregassem UMA NOVA DOCTRINA Segundo suas próprias revelações, mas sim, para, COM SUA ASSISTÊNCIA guardar santamente e expor fielmente as revelações transmitidas pelos Apóstolos, isto é o Depósito da Fé". Portanto, partindo desse princípio se deduz, corretamente, que o Papa pode recusar a assistência divina e criar, por sua conta e risco, uma nova religião.

A Verdadeira obediência ao Papa deve ser encarada como a obediência devida pelos filhos a seus pais. Se o pai manda o filho cometer uma ação indigna ele tem o dever de se rebelar contra a ordem paterna. Da mesma forma, Quando as determinações do Papa são contrárias aos mandamentos da lei de Deus e aos ensinamentos milenares do Magistério da Igreja, como se observa em muitos atos de João Paulo II, se há de resistir-lhe. Eis os limites da obediência. A Igreja nunca ensinou essa "papolatria", essa deificação do Papa, essa obediência absoluta, que não passa de uma manobra sagaz para impor, pela força da obediência, os erros da heresia progressista diametralmente opostos à doutrina católica.

"O papa não erra", dizem os "obedientes" progressistas. Todavia, o Papa Leão XIII ensinava que a maior injúria que se faz à Igreja é colocá-la lado a lado, em pé de igualdade com as falsas religiões. Já o Papa João Paulo II procede contrariamente colocando, ele mesmo, a Igreja Católica lado a lado, em pé de igualdade com todas as confissões religiosas. Errou Leão XIII? Ou está errado João Paulo II? Que explicação dariam a isto os progressistas que obstinadamente batem o pé: "O Papa não erra".

O Absolutismo que Querem nos Impor

Alguém pode me censurar presumindo que eu escrevo contra o Papa. Na verdade eu não escrevo contra o Papa, mas sim, contra o desvio de João Paulo II da doutrina da Igreja que vem suscitando perplexidade e escândalo àqueles que têm noção do verdadeiro significado da Fé católica. Posso até me deixar levar pela indignação, tantas são as agressões à doutrina católica e as humilhações impostas à Santa Igreja. É bom que se observe que é nossa obrigação estar sempre

com o Papa, que é o sucessor de Pedro. Por outro lado, ele tem o dever de guiar-nos pelos caminhos da verdade, mas, se para nossa desventura, ele nos conduz por caminhos que nos levam a enfraquecer, ou até mesmo, perder a Fé, então não podemos segui-lo. A Igreja nunca ensinou que tudo que o Papa faz é certo, nem que todos os Papas sejam santos e jamais disse que tudo o que ele fala tem a nota da infalibilidade. "Quantos Papas pecaram por covardia, negligência, mundanismo na guarda da defesa da Fé católica". É preciso que o povo católico se conscientize de que a Igreja não pertence ao Papa, que ele não é dono da Igreja, mas apenas Vigário de Cristo. Nós não vivemos para o Papa, mas sim, para Jesus Cristo, portanto, nossa vida como católicos se baseia em Jesus Cristo e não no Papa. "A Igreja não é o Corpo Místico do Papa; a Igreja, com o Papa, é o Corpo Místico de Jesus Cristo" (R. T. Calmel OP). O poder do Papa não é absoluto como pretendem nos impor. Alguns aceitam o atual absolutismo papal por simples ignorância, enquanto outros (os inimigos da Igreja) usam este artifício porque pretendem destruir a Igreja pela obediência. O grande Cardeal Caetano, fiel e obediente ao Papa, ensinava que: "Deve-se resistir em face ao Papa que publicamente destrói a Igreja". Disto podem me acusar.

Jesus Cristo diante de Pilatos, disse que veio ao mundo para dar testemunho da verdade. O que vemos este atual pontífice fazer é justamente o oposto: ele dá testemunho do erro. Vejamos se não é assim: - Recebeu das mãos de uma sacerdotisa hindu o sinal dos adoradores de uma divindade pagã; recebeu das mãos de uma mulher, em cerimônia pagã, a imposição das cinzas sagradas; assistiu a ritos animistas; tomou beberagem de uma liturgia fetichista; patrocinou as profanações das Igrejas em Assis; no mundo inteiro Igrejas têm sido profanadas, emprestadas para cultos pagãos ou heréticos; colocou no mesmo pé de igualdade a Igreja Católica e as falsas religiões; na sua frente, um chefe indígena invoca o "grande espírito" num estranho ritual; Permitiu que uma mulher seminua lesse a epístola na missa por ele celebrada em nova-guiné; recebeu a bênção sacerdotal de um Grão Rabino judeu; participou de cerimônias em igrejas protestantes; recitou uma oração composta pelo heresiarca Lutero; se fez representar oficialmente na colocação da pedra fundamental da maior mesquita muçulmana da Europa, em Roma; aceitou como Deus o Alá dos muçulmanos. Visita, abraça e se confraterniza com todos os inimigos da Igreja, hereges, cismáticos, idolatras, ateus e adeptos de sociedades secretas.

Se interpretarmos os atos de João Paulo II, chegaremos à triste conclusão de que o que ele faz é incentivar os hereges a se tornarem cada vez mais hereges; os cismáticos a seguirem adiante com o cisma; os pagãos a se tornarem cada vez mais idolatras. Ele não converte ninguém ao catolicismo, pelo contrário, confirma no erro os que estão fora da Igreja.

Como Vigário de Cristo deveria dar testemunho da verdade; mas é ao erro que ele aprova aplaude, pior, dá testemunho dele.

Como vêem, eu não "escrevo contra o Papa", mas sim contra a insensatez dos seus atos que enodoam a Fé católica.

Uma Profecia que se Torna Real

Os chefes, os condutores do povo de Deus se descuidaram da oração e da penitência e o demônio obscureceu suas inteligências...

As Igrejas serão fechadas ou profanadas...

Muitos abandonarão a Fé e o número de sacerdotes e religiosos que se separarão da verdadeira religião será grande, inclusive bispos...

Será pregado um outro evangelho contrário ao de Jesus Cristo...

A Igreja passará por uma crise espantosa...

ROMA (o Vaticano) PERDERÁ A FÉ E SERÁ A SEDE DO ANTICRISTO.

Trechos da mensagem de N. S. de La Salette em 1846.